
**MEMÓRIAS FICIONAIS DA EMIGRAÇÃO PORTUGUESA EM
LIVRO DE JOSÉ LUÍS PEIXOTO**

Fictionalized memories of Portuguese Emigration in
Livro by José Luís Peixoto

Martina Matozzi¹

RESUMO: Neste artigo analisa-se o romance *Livro* de José Luís Peixoto (2010), enquanto narrativa que reelabora as memórias da grande vaga migratória portuguesa para França nas décadas de 1960 e 1970 do século passado. Propõe-se tecer algumas reflexões sobre as formas como as memórias se apresentam na escrita literária e sobre a presença do escritor no romance como instância enunciativa que elabora uma ficcionalização do próprio eu, pertencente, enquanto filho de emigrantes regressados a Portugal antes de ele nascer, a uma segunda geração, de pós-memória, sendo descendente de quem vivenciou diretamente esta vaga migratória.

PALAVRAS-CHAVE: Emigração portuguesa; memórias ficcionais; escritas do eu.

ABSTRACT: This article analyses the novel *Livro* by José Luís Peixoto (2010) as a narrative that re-elaborate memories of the huge migration flux from Portugal to France during the 60s and 70s of the last century. The aim is to present some reflections regarding the forms how these memories are presented in the literary text and about the presence of the writer in the novel, as an enunciating instance that elaborates a fictionalized form of himself. José Luís Peixoto is a son of emigrants that returned to Portugal shortly before he was born; he belongs to a second generation, of post-memory, and he is a direct descendant of those that lived this migration experience.

KEYWORDS: Portuguese emigration; fictionalized memories; writings of the self.

INTRODUÇÃO

Livro, publicado em 2010, é o quarto romance de José Luís Peixoto e tem como tema principal a emigração portuguesa para França das décadas de 1960 e 1970 do século passado, um dos fluxos migratórios mais significativos da história recente de Portugal, vivido indiretamente pelo autor enquanto filho de emigrantes regressados a este país pouco antes de ele nascer, em 1974. A narrativa assume a herança da experiência migratória e reelabora a memória do

¹ PhD Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, Portugal - Investigadora Associada do Projeto Memoirs – Filhos de Império e Pós-memórias Europeias (ERC)

que aconteceu a partir do ângulo da pós-memória, da segunda geração, dos filhos que não viveram diretamente, mas que carregam, por via familiar, o legado desta experiência.

O objetivo deste artigo é analisar o romance enquanto narrativa que reconstrói as memórias desta grande vaga migratória. Propõe-se tecer algumas reflexões sobre as formas como as memórias se apresentam na escrita e sobre a presença do autor no romance como instância enunciativa que ficcionaliza o próprio eu.

PERSPECTIVAS DA EMIGRAÇÃO PORTUGUESA EM *LIVRO*

Entre 1957 e 1974 emigraram, legal e ilegalmente, mais de um milhão e meio de portugueses para destinos europeus. Com o sucesso do Plano Marshall (1947), que visava à reconstrução dos países devastados pela Segunda Guerra Mundial, nações como a França e a Alemanha necessitavam de e recrutavam mão-de-obra estrangeira. De um Portugal cujo regime ditatorial, o Estado Novo (1933-1974), instituiu a pobreza como valor da cultura nacional, muitos partiram por razões meramente económicas: fugia-se da miséria. Emigrava-se também por causa da repressão política e moral do salazarismo, das incorporações obrigatórias na Guerra Colonial e, mais tarde, das promessas de modernização da primavera marcelista. E com os emigrantes económicos deixavam a pátria refractários e desertores da guerra colonial, intelectuais e resistentes. Um momento que, no contexto português, consistiu num “grande processo de desterritorialização” (RIBEIRO, 2004, 230) e que molda a sociedade portuguesa contemporânea.

Livro estrutura-se em duas partes, ou em “[...] dois romances diferentes na medida em que um não poderia existir sem o outro” (PEIXOTO, 2010, 33). Na primeira parte a emigração constitui tema transversal: um narrador aparentemente heterodiegético, detentor de uma focalização omnisciente, determina a concatenação das ações e traça os perfis e os percursos das personagens principais.

A orfandade e a ausência, como tinha acontecido em textos publicados anteriormente por José Luís Peixoto (*Morreste-me e Nenhum olhar*, ambos de 2000), permeiam o início da ficção que principia com um convincente incipit: “A mãe pousou o livro nas mãos do filho” (L, 11).

O tempo da narração começa em 1948, ano em que uma mãe, sem nome e com má reputação numa vila igualmente anónima, abandona o filho de nome Ilídio, deixando-lhe como legado um livro. Ele cresce com o pedreiro Josué que o trata como se fosse seu filho até o momento em que Ilídio escolhe emigrar para França para reencontrar a namorada Adelaide, obrigada a partir

pela tia. Acompanha-o Cosme, amigo de infância, que quer fugir da obrigatoriedade do serviço militar e da possibilidade de ser chamado para a Guerra em África. Já no final da primeira parte, a 27 de Abril de 1974, nasce Livro, filho secreto de Ilídio e Adelaide, em Paris. Chega-se, finalmente, ao mesmo ano de publicação do romance: 2010.

Seguindo um encadeamento temporal linear, na primeira parte do texto, o narrador conta, de forma sequencial, o percurso de cada personagem, criando uma harmonia sincrónica entre os vários planos da ação narrativa. Desta forma, à unidade orgânica da vila e dos seus habitantes juntam-se os percursos paralelos da viagem migratória realizada em clandestinidade. É então relatada a vivência das personagens principais em Paris, divididas pelos dezasseis quilómetros que separam o bairro de lata de Saint-Denis, onde vai viver Adelaide, e o de Champigny, onde vão morar Ilídio e Cosme. Afastados por vontade de Lubélia, carteira que esconde a correspondência que os poderia ter feito encontrar, Ilídio e Adelaide conduzirão vidas separadas e só um encontro fortuito em Portugal, num Agosto em que os dois regressam de férias à vila, levará à concepção de Livro, nome do filho que une o destino dos dois, estando o livro (entenda-se aqui como objeto) do abandono de Ilídio nas mãos de Adelaide como prenda do noivado inconcluso.

No final da primeira parte do romance o narrador revela a sua identidade, desmascarando o truque da narração heterodiegética presente até aquele momento e inserindo-se nos fatos relatados a partir de uma perspectiva homodiegética. Ele já não é estranho à história, que até o momento parecia ser contada com distanciamento, faz parte dela e com ela partilha o título do romance: Livro, filho de Ilídio e Adelaide, crescido em Paris, agora se apropria da primeira pessoa do singular para narrar a sua versão dos acontecimentos.

E aqui é também o eu de José Luís Peixoto que começa a emergir e a falar, através de uma reflexão que interroga as identidades crispadas pela transitoriedade de um percurso migratório do qual ele, como *Livro*, é filho.

LIVRO ENQUANTO “FICÇÃO DE MEMÓRIA”

O romance de José Luís Peixoto pode ser considerado uma “fiction of memory” (ficção de memória), termo que, segundo Birgit Neumann (2008), alude ao duplo sentido da palavra “ficção”: por um lado indica o literário, o não referencial; por outro lado, refere-se às histórias que as pessoas ou as culturas interrogam dirigindo questões como: “quem sou eu?” ou “quem somos nós?”. Trata-se, ainda segundo a estudiosa, de reconstruções imaginadas do passado criadas para responder a necessidades presentes, ficções conceptuais e

ideológicas que questionam predisposições culturais, estereótipos e mitos para um melhor entendimento do passado no presente (NEUMANN, 2008, 334).

No processo de enunciação narrativa do romance, a voz que evoca as vidas das várias personagens percorre a história de um país durante sessenta anos e caracteriza-se por realizar um discurso que transpõe memórias que será necessário interrogar. Esclarecedoras, a este ponto, são as palavras de Neumann acerca do papel das “ficções de memória”:

A fundamental privilege of fictional texts is to integrate culturally separated memory versions by means of mutual perspectivization, bringing together things remembered and things tabooed and testing the memory-cultural relevance of commonly marginalized versions of memory. By giving the voice to those previously silenced fictions of memory, they constitute an imaginative counter-memory, thereby challenging the hegemonic memory culture and questioning the socially established boundary between remembering and forgetting. (NEUMANN, 2008, 338-339)

É possível individualizar algumas das técnicas de representação ficcional da memória que Neumann define como “mimesis of memory”. Alguns exemplos: a posição da personagem/narrador que olha para o passado e o reelabora a partir do presente; a tensão temporal que usa analepses sem a necessidade de respeitar, na totalidade, uma cronologia linear, introduzindo no mesmo plano diversas perspectivas temporais e instaurando uma relação de reciprocidade entre passado e presente; a interação entre memória individual e identidade, que acontece na tensão entre o vivido e o que é efetivamente recordado (NEUMANN, 2008, 336).

A narrativa de José Luís Peixoto atravessa quase sete décadas da história recente de Portugal e percorre, por um olhar “microhistórico”(LEVI, 1993, 129), isto é, em pequena escala, os caminhos e as memórias das várias personagens que o habitam.

Existe no romance um microcosmo social reduzido à dimensão de uma vila do interior do país, hierarquicamente dividido entre o pároco, o professor, a autoridade estatal, os ricos e os pobres, alguns dos quais escolhem a via da emigração. Acrescenta-se ainda a dimensão do abandono. Em *Livro* explora-se, de forma inédita, a questão do afastamento do núcleo familiar dos filhos dos emigrantes: é possível imaginar que a mãe de Ilídio tenha provavelmente emigrado, embora não seja dada continuidade à sua história. Apesar do desaparecimento da mãe e conseqüente abandono do filho constituírem uma excepcionalidade neste romance, não eram raros os casos de

crianças deixadas aos cuidados dos avós ou de outros familiares por parte dos pais que emigravam e Ilídio e Josué ocultarão o dia do abandono com esta frase: “O dia em que a Dona Milú não pagou ao pedreiro [...]” que funciona como “narrativa intercalar”, usando aqui uma expressão contida no romance *O vale da paixão* (1998) de Lúcia Jorge (2009, 73), que também retrata experiências migratórias, e assim descrita em *Livro*: “[...] uma espécie de lugar árido, de ruína, estava lá, existia mas, depois disso, havia muito que tinha crescido apenas entre os dois.” (L, 61)

Na primeira parte do romance, ao papel dissimulado de um narrador heterodiegético pode ser atribuída a propensão ilusoriamente omnisciente do historiador, dando nova existência a histórias de vida que passam a ocupar um espaço não de testemunho direto, mas que se revelará propositadamente mediado. É a partir desta visão “microhistórica” que o narrador evoca as memórias das experiências traumáticas ligadas à emigração, como as viagens clandestinas:

Eram uma pequena multidão de desconhecidos assustados. As malas doíam-lhes da mesma maneira que lhes doíam os pés, as pernas ou a espinha. Arrastavam uma vontade que era cada vez mais difícil de explicar, naufragos de todas as palavras que não diziam, manchas cinzentas a atravessarem campos, a esconderem-se. Entre eles, seguia a Adelaide, pensamentos misturados com mágoa e pó. (L, 103)

O discurso do narrador na primeira parte do romance não se limita apenas a contar as várias experiências de emigração. Há outras histórias que merecem ser narradas e que contribuem para a caracterização dos diferentes cenários do romance, através dos quais é possível entrever vários aspetos da sociedade portuguesa antes e depois do 25 de Abril de 1974. É o caso dos devaneios de Constantino, intelectual português que, exilado por razões ideológicas em Paris, acaba, desiludido, por nunca voltar a Portugal, culminando por sofrer duma esquizofrenia patológica. Ou ainda de Lubélia, obrigada pelos pais a abortar de forma a evitar a vergonha que o incómodo de um filho órfão de pai teria causado na ordem social da pequena vila portuguesa.

Durante a experiência francesa, o carácter dos protagonistas vai transformar-se. Enquanto Ilídio parece manter uma ligação forte com a vila de origem, sendo o primeiro a decidir construir lá a própria casa com a vontade de regressar, Cosme voltará apenas nas férias acompanhado pela mulher, as suas filhas e Livro. A França para Adelaide será deveras o país onde as pessoas tinham máquinas para fazer a lida da casa e andavam de automóvel, onde terá que aprender outra língua, onde os prédios são grandes e a cidade é luminosa.

Será deveras, para Cosme, o lugar que lhe permitiu não ir para a guerra e escolher outro destino. Será também o lugar onde não existia o controle da ditadura, onde se podia lutar pelos direitos laborais, onde, em suma, existia todo um pensamento democrático que a maior parte das pessoas que escolhiam a via da emigração durante o Estado Novo não podiam praticar. Será, ao mesmo tempo, uma experiência dolorosa feita de duro trabalho, condições de vida difíceis e exclusão social, de famílias estilhaçadas, da solidão de homens não habituados à ausência da presença feminina em casa e de mulheres e filhos abandonados em Portugal como garantia de regresso. Representará, finalmente, uma oportunidade para muitos de realizar os próprios sonhos.

Em *Livro* é inegável também a presença de uma reflexão sobre a portugalidade e os seus mitos, reformulados a partir de narrativas particulares que percorrem os trilhos da mais recente e opulenta experiência migratória que o país vivenciou na sua história recente. Graças à observação e ao estudo destes sujeitos dentro de um contexto de análise pré-determinado, torna-se possível problematizar uma certa hierarquia que muda os pressupostos da relevância histórica e propõe novos modelos de interpretação do passado, através dos quais a memória cultural é renegociada, acabando assim por inaugurar-se um caminho de compreensão das identidades estilhaçadas que se formam no percurso migratório, às das segundas gerações em particular.

As temporalidades lineares apresentadas na primeira parte do romance criam pontes com a sua segunda parte, que não unem apenas o passado ao tempo presente, isto é, as histórias dos protagonistas/emigrantes com o olhar retrospectivo de *Livro*/José Luís Peixoto, mas também passam de uma dimensão coletiva a uma dimensão individual, revelando diferentes epifanias de recordação, bem como considerações sobre o fenómeno migratório por parte de uma personagem que, finalmente, se apropria da primeira pessoa do singular para expor a própria versão da história.

O fio condutor desse romance poderá então ser o seu título, a partir do qual ganha forma a sua narratividade: *Livro* como objecto, portador de uma “memória prostética”, transmitida através dos objetos. Um livro que passa de mão em mão, com o poder de afastar, quando a mãe abandona o filho, e unir pessoas, servindo de prenda de noivado de Ilídio para Adelaide, e meio através do qual ela conhece Constantino, o seu futuro marido. *Livro* que é também personagem e pessoa, o narrador e o escritor, na segunda parte do romance.

A reconstrução de um passado que é preciso relembrar através da recriação dos cenários em pequena escala contados por um narrador homodiegético, de fato, não se demonstra suficiente. Na segunda parte do romance intervém a escrita de um eu que é portador indireto de todas estas experiências.

A partir do seu lugar de enunciação o narrador, agora Livro e José Luís Peixoto, aponta e descreve as vidas que habitam no romance, do qual ele também faz parte. Todos estes “seres de papel” (BARTHES, 1966, p. 15-18), poderão então tornar-se parecidos com muitos outros seres reais:

Tenho trinta e seis anos, tenho um bilhete de identidade, numerado, que o comprova.

Até este xis, este: X, o livro que estás a ler tem 404853 caracteres, incluindo notas de rodapé e espaços.

Em 1990 viviam na França um total de 798837 pessoas de origem portuguesa, 603686 dos quais nascidos em Portugal e 195151 nascidos na França.

Cada letra e cada espaço das páginas anteriores equivale a quase duas pessoas de origem portuguesa a viverem na França em 1990.

[...] Como dizia, entre 1960 e 1974, cerca de um milhão e meio de portugueses emigraram para França.

Cada letra e cada espaço das páginas anteriores equivale a mais de três portugueses que fizeram essa viagem. (L, 260, 261)

A amplitude do fenómeno migratório das décadas de 1960 e 1970 do século passado é aqui evocada numa tentativa de integrar, na atendibilidade dos números, as vidas recolhidas no romance. Estas invadem a escrita, e não são, portanto, apenas “contadas”, entenda-se aqui narrativamente e numericamente.

Na parte final da obra o narrador e assumido autor de *Livro* é interrompido pelos pais no seu raciocínio e processo de redação do romance que lhe é homónimo:

Entrez, s'il vous plaît. É a minha mãe. O Ilídio está ao seu lado. [...] A minha mãe diz que estão cansados de andar às escondidas, que já ninguém tem idade para isso. [...] É tudo muito rápido. [...] Meu rico filho. O Ilídio dá-me um aperto de mão. [...] Saem, fecham a porta. Este livro podia acabar aqui. Ficávamos assim, no vácuo desta revelação. [...] Como dizia, entre 1960 e 1977, cerca um milhão e meio de portugueses emigraram para a França [...] (L, 260-261)

São estes portugueses comparados com o número de caracteres do romance em execução que o narrador Livro retrata. Para o fazer escolhe entre eles um número reduzido – os que fazem parte da sua esfera pessoal –

focalizando o objetivo de forma a recriar o global a partir da pequena escala e, finalmente, do próprio eu.

A presença de Livro, que reelabora e transpõe na ficção as experiências de todas as personagens, torna-se, a este ponto, fundamental, porque quando ele toma a palavra além da personagem principal que representa, é o autor real que exprime a condição de um emigrante involuntário de segunda geração. A empregabilidade do termo “ficção de memória” para o romance em análise demonstra-se então congruente mas incompleta, pois a partir desta definição proposta não é possível pensar a fundo a dimensão intersubjetiva que a segunda parte deste romance torna manifesta, muitas das vezes em pé de página, como no caso que segue:

Existe o que quero dizer e existe a minha voz. Nem sempre o tom da minha voz corresponde ao que quero dizer e, mesmo assim, molda-o tanto como as palavras que escolho. Sou menos dono da minha própria voz do que destas palavras, indexadas em dicionários que já estavam impressos antes de eu nascer. Quando reparo na minha voz, parece-me sempre demasiado aguda e juvenil, incerta, imprópria para afirmações sérias. A minha voz é como este livro: capa, papel, peso medido e gramas. O que quero dizer também é como este livro: mundo subjetivo, existente e inexistente, sugerido pelo significado das palavras. (L, 235).

LIVRO ENQUANTO FICÇÃO DO EU

Na segunda parte do romance, as considerações de Livro aparecem em notas de rodapé. Ocupam um lugar marginal que não pode carecer de desconsideração: serve como paratexto, é um elemento tão importante porquanto acessório à ficção, um lugar de escrita que adquire relevância pelo mesmo lugar marginal que ocupa.

Gera-se uma confusão semântica entre os verbos ir e voltar, onde o primeiro verbo é substituído em nota pelo segundo, no momento em que o narrador fala da necessidade de “ir [voltar em nota] para Portugal” (L, 222), evidenciando que, por parte desta personagem, o regresso ao país dito “de origem” não só é impossível, como prescindível e doloroso:

Nunca encontrei o abrigo que ainda procuro, uma mão que me feche no seu interior e me guarde no bolso dentro do casaco, paredes que me digam com veludo: descansa, menino.

Mas procuro, continuo como se acreditasse que vou encontrar. (L, 211)

Não há regresso possível para Livro, há uma separação geracional entre pais e filhos. Lá onde a mãe via o sonho do regresso a Portugal realizar-se, Livro declara a sua condição de desenraizamento:

Eu não tenho para onde voltar. Paris não é minha, nem dos magrebinos, nem dos búlgaros, poloneses, nem dos senegaleses a carregarem elefantes de madeira, marfim de pechisbeque, pulseiras feitas na China, muito menos é dos franceses, atarefados com erres e vogais babosas. Se me dessem Paris, é tua, eu não a queria porque sei que espectros desta natureza não se deixam possuir. (L, 211)

Essas palavras apresentadas nas margens do texto sugerem a dimensão subjetiva da narrativa. O próprio Livro reproduz a voz de um crítico literário, que se indigna com o fato de o escritor ter tido a ambição de tratar da temática da emigração sem a ter vivenciado na pele. Esta crítica é claramente direcionada ao autor real do romance publicado em 2010 (“que vem logo antes de Pessoa nas estantes alfabéticas das bibliotecas” (L, 225)): “Não se pode falar daquilo que não se conhece, falta o testemunho privilegiado.” (L, 225).

O texto, efetivamente, não pode ser considerado um testemunho direto da experiência migratória, mas uma recriação ficcional de memórias que possivelmente foram transmitidas ao autor por via familiar, sendo esta apenas uma, entre outras fontes, que contribuíram no processo da sua escrita .

A falta do testemunho privilegiado (ou direto) leva-nos aqui a uma reflexão sobre a pós-memória, noção elaborada de forma pioneira por Marianne Hirsch (1997) na análise dos processos de rememoração do Holocausto pelas gerações seguintes às dos sobreviventes, e que se encontra ao centro de um vivo debate, caracterizado pela sua constante reconfiguração semântica e pelas possibilidades da sua aplicabilidade a diversos contextos .

Considerar-se-á aqui *Livro* um romance em que a pós-memória está presente no seu sentido mais amplo, e também crítico, isto é, no âmbito do que tem sido proposto por Beatriz Sarlo: um discurso “[...] em que há o envolvimento da subjetividade de quem escuta o testemunho do seu pai, de sua mãe, ou sobre eles.” (SARLO, 2007, p. 95). Tendo em conta que *Livro* foi efetivamente escrito por um filho de emigrantes que não viveu diretamente esta experiência, dando-nos a conhecer um olhar sobre o passado que se reflete no presente, será possível, nesses termos, aplicar a noção de pós-memória ao romance em estudo.

A hipótese de análise que aqui se quer apresentar consiste em considerar a dimensão subjetiva deste romance, que representa uma característica premente da escrita de José Luís Peixoto, mas que também é traço frequente da narrativa contemporânea, onde a presença do “eu” ocupa o lugar que antes, com a chamada “morte do sujeito”, cabia às estruturas e à linguagem.

Tratar-se-á de uma narrativa que é possível pensar dentro do contexto da que Beatriz Sarlo explica como uma “guinada subjetiva”, que se insere, portanto, na contemporaneidade de um “sujeito ressuscitado”, privilegiando a dimensão pessoal. O eu textual poria em cena a subjetividade de um “eu ausente”, uma “máscara” ou “assinatura” (SARLO, 2007, 31).

Nesse caso também serão múltiplas as definições que é possível encontrar para este romance, dentro da chamada literatura memorialista: autobiografia, relato autobiográfico, história de vida, memória, autofabulação, autonarração, autoficção.

O neologismo “autoficção”, criado por Serge Doubrovsky há mais de quarenta anos, e sucessivamente trabalhado e debatido por vários teóricos até os nossos dias, talvez seja o que melhor pode auxiliar o pensamento sobre *Livro*: autoficção enquanto variante contemporânea da autobiografia, onde a narrativa em si, o sujeito que nela se afirma, e o tempo, se distinguem por uma fragmentação intencionalmente criada pelo autor, onde a realidade não se apresenta diretamente, mas por indícios.

Como elucida Philippe Gasparini nos estudos que tem dedicado às escritas do eu, é possível considerar a continuidade desta prática como uma poética presente ao longo dos séculos e em diversos e dispersos tipos de textos literários, mas é sobretudo um sintoma do nosso século, que se inscreve dentro de um específico contexto cultural, respondendo à mundialização e consequente de-subjectivização do indivíduo como uma forma de resistência individual:

Ces régressions rendent à l’écriture sa valeur de refuge. Artisanale, secrète, lente, aléatoire, elle ne cesse de fasciner. [...] L’autonarration du XXIe siècle s’inscrit, me semble-t-il, dans cette aspiration à une parole singulière, libre, déconnectée des circuits économique-politiques, autonome. (GASPARINI, 2008, 326-7)

É um trabalho sobre a reabilitação das memórias e de aceitação do valor do acervo material e imaterial da emigração portuguesa para França do século passado a que o romance de José Luís Peixoto apela, pondo-se diretamente em jogo, através do seu eu mascarado e da sua assinatura na capa do “*Livro*”. José Luís Peixoto não viveu a experiência migratória, mas chegará a

assumir a autoria e responsabilidade literária do seu livro: “Bovary c’est moi”, admitia Flaubert, “Eu sou o Livro”, afirma o escritor (PEIXOTO, 2010).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos hoje quanto o fluxo migratório retratado no romance de José Luís Peixoto foi difícil e doloroso e quanto algumas facetas deste processo têm vindo progressivamente a emergir: as fotografias de Gérard Bloncourt, que mostram as trajetórias, os rostos e as condições dos emigrantes portugueses, apresentadas em várias exposições (veja-se, por exemplo, “Por uma vida melhor” no Museu Berardo, em 2008, e o relativo catálogo); as publicações que estudam este mesmo acervo fotográfico (BASTOS, 2015); os estudos historiográficos (VOLOVITCH-TAVARES, 2016; PEREIRA, 2014); os documentários, como os de José Vieira (entre outros, veja-se *Gente do salto*, 2005); as peças de teatro da companhia Cá e Lá (SANTOS, 2015); os espaços museológicos como Memória e Fronteira em Melgaço, bem como os projetos que mostram as diversas histórias de vida dos que protagonizaram as migrações clandestinas (Memórias do salto – Museu Abade de Baçal em Bragança) ; e, finalmente, as produções literárias: o romance aqui objeto de estudo, mas também *Este verão o emigrante lá-bas* (1978) de Olga Gonçalves, *Gente feliz com lágrimas* (1985) de João de Melo, *Três vidas ao espelho* (2010) de Manuel da Silva Ramos, entre outros que tive oportunidade de analisar em minha tese de doutoramento, que mapeia uma assombrada mas consistente presença de representações do fenómeno migratório português desde meados do século XIX até a contemporaneidade (MATOZZI, 2016).

São apenas algumas entre várias produções que nos mostram as condições que empurraram os portugueses a sair nesta altura, em quais circunstâncias aconteceram as viagens clandestinas, quanto estes movimentos foram ocultados em Portugal e nos países ditos “de recepção”, numa “dupla ausência” dos migrantes tacitamente acordada entre os países dito “de origem” e os “de destino” (SAYAD, 2014, 22) que tende a silenciar estas experiências, ou pelo menos a diluí-las dentro das fronteiras identitárias dos Estados-Nação.

Olga Gonçalves, no romance *Este verão o emigrante lá-bas*, escrito pouco anos depois do 25 de Abril de 1974 apelava para que as memórias dos emigrantes e as suas histórias viessem à superfície, e recriava ficcionalmente as suas vivências:

Que me falem do seu passar, que me digam então porque foram descobrir mundo, por que espinho lhes corre a memória, a ordenação do verde e do vermelho em pano que

não defendeu leis votadas à sua causa. Que me lembrem o que não têm, pouca terra, pouca terra para o amor, retirada, cruzam os mapas, rumo ao culto da esperança. (GONÇALVES, 1978, 85)

Portugal é um país profundamente marcado pela experiência migratória. Os seus movimentos populacionais intensificaram-se na primeira modernidade e, sucessivamente, prolongaram-se, multiplicaram-se, ramificaram-se e diversificaram-se ao longo dos séculos, sendo hoje um país europeu onde a emigração perdura e convive com a imigração. A longa história e vocação imperial que caracteriza este país têm em parte contribuído a silenciar os movimentos migratórios menos edificantes, que ficaram marginalizados ou assombrados por uma história imperial hiperbolizada (LOURENÇO, 2014, 265; LOURENÇO, 2013, 123). Trata-se de histórias que a mobilidade dos portugueses ao longo dos séculos une, mas que são, de alguma forma, distintas.

Houve, efetivamente, uma emigração económica dolorosa, dirigida para uma Europa de que Portugal ainda não fazia inteiramente parte, que extravasou as fronteiras imperiais, difícil de associar aos movimentos populacionais da história imperial portuguesa e aos seus mitos.

Os portugueses no estrangeiro continuam, afirma o historiador Victor Pereira, na sociedade portuguesa atual, a ser representados com um cunho “lusu-tropicalista”, isto é, eles são o elemento chave que permite prolongar a imagem e a “miragem” do império, idealizando “a vocação universal do país” (2015, 27). Há toda uma literatura, bem como outros tipos de representações e estudos, que tratam da emigração e fogem dos rastros culturais e históricos das fronteiras imperiais dialogando, ao mesmo tempo, com esta faceta que claramente molda a cultura portuguesa até os nossos dias, restituindo assim um quadro mais diversificado das várias experiências migratórias que caracterizam o contexto português. Apenas dois exemplos. Em *Acidente ocidental* (1972), de Nuno Madureira, pode-se ler o seguinte:

Império pela noite dentro, cruzando-se, comunicando, em fuga pelo mundo ou em agonia lenta. É preciso salvar a Pátria, a honra, a família. É preciso respeitar e assegurar o direito à vida de cada etnia. É preciso, Império, salvar a própria vida. [...] (MADUREIRA, 1972, 104-105).

Martinho, um dos protagonistas do romance *Três vidas ao espelho* (2010) de Manuel da Silva Ramos a certa altura sentencia:

Um dia um historiador sério e que não tenha joanetes nos pés fará a necessária história da emigração portuguesa ocorrida durante o século vinte e da sua influência sobre o país dorminhoco. Este movimento de população, este apelinamento dos sonhos, este chocar mecânico de economias, só é comparável à incrível odisseia marítima do século dezasseis menos a cruz. Esta foi substituída pelo garrafão de cinco litros. (RAMOS, 2010, 205)

A narrativa de José Luís Peixoto representa e recorda, a partir das vidas de todas as suas personagens e do autor real do texto, sessenta anos de vivências, migrações, sonhos e regressos idealizados ou realizados.

Livro, além de título de romance e de nome de um dos seus protagonistas e narrador, representa um espaço onde o passado convive como o presente, possibilitando o reconhecimento da memória da emigração portuguesa para França e asseverando o património vivo e substancial que esse fenómeno constitui.

Foram aqui tecidas algumas considerações sobre as formas como as memórias se apresentam no romance *Livro* e sobre a presença do escritor José Luís Peixoto no romance como instância enunciativa que elabora uma ficcionalização do próprio eu.

A literatura escrita pelas segunda gerações de migrantes, com as implicações que apresentam no campo das escritas autoreferenciais, aparenta ser um fértil campo de estudo e interrogação sobre as representações literárias do fenómeno migratório português, tendo em conta a sua importância histórica e as suas implicações na contemporaneidade dentro de um contexto em que as fronteiras culturais portuguesas se abrem não só à história imperial que tanto a define — e que também se encontra num processo exigente de releitura crítica — mas também às diversificadas emigrações que caracterizam esta mesma história e o presente.

Trata-se de segundas e terceiras gerações muito diversificadas entre si, que vivem entre línguas e geografias distintas: os que vivem em Portugal e escrevem em português, como no caso de José Luís Peixoto aqui em estudo; os que escolhem outras línguas e outros campos literários, como no caso do romance *Le poulailleur* (2005) Carlos Baptista ou da banda desenhada *Portugal* (2011) de Cyril Pedrosa em França ou de *Saudade* (1994), de Katrine Vaz nos Estados Unidos, entre outros .

José Luís Peixoto nasceu em 1974, não viveu durante o período ditatorial, nem assistiu à Revolução de Abril. Carrega o legado da emigração portuguesa para França pela sua vivência familiar e institui, em *Livro*, uma relação dialógica entre passado e presente. Como declarou em entrevista, não é

fácil escrever uma história cujos protagonistas ainda estão vivos (FANJUL, 2011). Porém, é possível. Antes de mais, é preciso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGANHA, Maria Ioannis. As correntes emigratórias portuguesas no século XX e o seu impacto na economia nacional. *Análise Social*, Lisboa, v. XXIX, n. 128, p. 959–80, 1994.

BARTHES, Roland. Introduction à l'analyse structurale des récits. *Communication*, Paris, v. 8, n. 1, p. 1-27, 1966.

BASTOS, Daniel. *Gérald Bloncourt. O olhar de compromisso: com os filhos dos grandes descobridores (1954-1974). Gérald Bloncourt Le regard engagé: avec les fils des grands découvreurs (1954-1974)*. Ed. bilingue, trad. de Paulo Teixeira. Amarante: Converso, 2015.

BLONCOURT Gérald Et al. *Gérald Bloncourt. Por uma vida melhor*. Lisboa: Museu Coleção Berardo e Fage Éditions, 2008.

FAEDRICH, Anna. Autoficção. Um percurso teórico. *Criação & Crítica*, São Paulo, n. 17, p. 30-46, 2016.
<<http://revistas.usp.br/criacaoecritica/issue/view/9319/showToc>> Acesso em 29, jun., 2017.

FANJUL, Sergio. Los libros también leen a los lectores. *El País*, Madrid, 15 de Outubro de 2011. <<http://papeisjlp.blogs.sapo.pt/tag/livro>> Acesso em 29, jun., 2017.

GASPARINI, Phillipe. *Autofictions. Poétiques du je: Du roman autobiographique à l'autofiction*. Paris: Seuil, 2008.

GODINHO, Vitorino Magalhães. L'Émigration portugaise (XVe.— XXe. Siècles) — Une constante structurelle et les réponses au changement du monde. *Revista de História Económica e Social*, Lisboa, n. 1, p. 5-32, 1978.

GONÇALVES, Olga. *Este verão o emigrante là-bas*. Lisboa: Moraes, 1978.

HIRSCH, Marianne. *Family frames: photography, narrative, and postmemory*. Cambridge and London: Harvard University Press, 1997.

JORGE, Lúcia. *O vale da paixão*. Alfragide: Leya, 2008.

LECHNER, Elsa. Autobiografias da emigração: resiliência e empoderamento de migrantes portugueses nos EUA. In: ELIZEU Souza, Et al. (org.), *Genero, diversidade e resistencia: escritas de si e experiencias de empoderamento*. Curitiba: CRV, 2016. p. 235-48.

LEVI, Giovanni. A proposito di microstoria. In: BURKE, Peter (org.) *La storiografia contemporanea*. Laterza: Roma-Bari, 1993. p. 111-134.

LOURENÇO, Eduardo. A emigração como mito e os mitos da emigração. In: *O labirinto da saudade. Psicanálise mítica do destino português*. Lisboa: Gradiva, 2013. p. 118-26.

_____. Da ficção do império ao império da ficção. In: *Do colonialismo como nosso impensado*. Lisboa: Gradiva, 2014. p. 256-69.

MADUREIRA, Fernando. *Acidente ocidental*. Lisboa: Psicoforma, 1972.

MATOZZI, Martina. *Portugueses de torna-viagem. A representação da emigração na literatura portuguesa*. 2016. 295p. Tese. (Doutorado em Patrimónios de Influência Portuguesa. Ramo Estudos Culturais). Instituto de Investigação Interdisciplinar / Centro de Estudos Sociais. Universidade de Coimbra. Coimbra, 2016.

MENDES, Ana Paula Coutinho. Quem tem medo da terceira margem. Vozes e vias migrantes entre memórias e projeções. *Cadernos de Literatura Comparada*, Porto, v. 18, n. 6, p. 25-41, 2008.

NEUMANN, Birgit. The literary representation of memory. In: ERLI, Astrid e NÜNNING, Ansgar (ed.) *Media and cultural memory*. Berlin and New York: Walter de Gruyter, 2008. p. 333-42.

PEIXOTO, José Luís. *Livro*. Lisboa: Quetzal, 2010.

_____. O livro sou eu. Sou eu mascarado. *Ler*, out. 2010. Disponível em <<http://papeisjlp.blogs.sapo.pt/tag/livro>> Acesso em 29 jun. 2017.

PEREIRA, Victor. *A ditadura de Salazar e a emigração*. Trad. de Maria Irene Bigotte de Carvalho. Lisboa: Círculo de Leitores, 2014.

_____. “Portugalidade” para Exportação? Emigração e “Comunidades Portuguesas”. In: MONTEIRO, Bruno e DOMINGOS, Nuno (org.). *Este país não existe*. Lisboa: Deriva, 2015. p. 23-32.

PIRES, Rui Pena et al. *Portugal: atlas das migrações internacionais*. Lisboa: Tinta da China, 2010.

RAMOS, Manuel da Silva. *Três vidas ao espelho*. Lisboa: Dom Quixote, 2010.

REGO, Vânia. L’écriture de soi au service de la construction du mythe de l’écrivain : le cas de José Luís Peixoto. *Lublin Studies in Modern Languages and Literature*, Lublin, v. 40, n. 2, p. 37-56, 2016.

RIBEIRO, António Sousa; RIBEIRO, Margarida Calafate (org.). *Geometrias da memória: configurações pós-coloniais*. Porto: Afrontamento, 2016.

RIBEIRO, António Sousa. Memória. In: ROSSA, Walter; RIBEIRO, Margarida Calafate. *Patrimónios de influência portuguesa: modos de olhar*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015. p. 81-94.

RIBEIRO, Margarida Calafate. *Uma história de regressos, Império, guerra colonial e pós-colonialismo*. Porto: Edições Afrontamento, 2004.

SANTOS, Graça dos. Corpo, Voz e Língua como Patrimónios de Emigração. In: ROSSA, Walter; RIBEIRO, Margarida Calafate. (org.), *Patrimónios de influência portuguesa: modos de olhar*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015. p. 257-81.

SAYAD, Abdelmalek. *La double absence*. Paris: Éditions Points, 2014.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado. Cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SERRÃO, Joel. *Emigração portuguesa: sondagem histórica*. Lisboa: Livros Horizonte, 1974.

VIEIRA, José. *Gente do salto / Les Gens du Salto*. DVD. Paris: La Huit Production, 2005.

VECCHI, Roberto. Pós-memória e Filomela. O bordado da violência e a legibilidade do trauma. In: MEDEIROS, Francisco Gouvea de Souza et al. (org.), *Teoria e historiografia: debates contemporâneos*. São Paulo: Paco Editorial, 2015. p. 35-51.

VOLOVITCH-TAVARES, Marie-Christine. *100 ans d'histoire des portugais en France*. Neuilly-sur-Seine: Michel Lafon, 2016.

_____. *Portugais à Champigny, le temps des baraques*. Paris: Éd. Autrement, 1995.

Data de recebimento: 30 de junho de 2017

Data de aprovação: 7 de dezembro de 2017.